

EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA NO CONTEXTO ESCOLAR: AS ATITUDES DOS ALUNOS SEM CONDIÇÃO DE DEFICIÊNCIA

Helena Mesquita¹, João Serrano^{1,2}, João Petrica^{1,2}, & Pedro Pires³

¹Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Castelo Branco

²FCT and CI&DETS (PEst-OE/CED/UI4016/2011)

³Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental de Castelo Branco

Resumo

O objetivo deste estudo é o de avaliar as atitudes dos alunos sem condição de deficiência relativamente à inclusão de alunos com condição de deficiência nas aulas de Educação Física tendo em conta as variáveis idade, género e tipologia da deficiência. Foi utilizado um inquérito por questionário com entrevistas exploratórias que serviram para a construção do mesmo. A amostra foi constituída por 37 indivíduos, 16 jovens do género feminino e 21 do género masculino, com idades compreendidas entre os 12 e 14 anos, com uma média de idades dos sujeitos de 12,86 anos, com um desvio-padrão de 0,082199. Os resultados obtidos revelam diferenças de atitudes, quanto ao género e à tipologia da deficiência existente na turma. No que respeita à idade não estamos em condição de concluir de forma concreta, pois nesta variável não há uma tendência definida.

Palavras-chave: inclusão; Educação Física; atitudes; deficiência; alunos com NEE.

Abstract

The main goal of this investigation is to evaluate the attitudes of the students without any disabilities in the physical education classes in an inclusive context taking into account age, gender and type of disability. A questionnaire survey with exploratory interviews that served to build the same was used. The study was developed in a public school, being contributed by 37 individuals, 16 girls and 21 boys, with ages comprehended between 12 and 14 years, with a median age of subjects of 12.86 years and a standard deviation of 0.082199. The obtained results reveal different attitudes, concerning the gender and the disability type existent in the class. Regarding the age, concrete conclusions were not able to be taken, because the aspect does not have one defined tendency.

Key-words: inclusion; physical education; attitudes; disability; students with special educational needs.

Introdução

Nos últimos anos tem-se verificado a implementação de uma escola inclusiva, procurando transformar a escola enquanto instituição, de forma a responder às necessidades de todos os alunos. Nesta evolução foi fundamental a Declaração de Salamanca (1994) que consagra o direito a uma educação para todos, onde todos os alunos usufruam de igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolar. Face a esta problemática, a Educação Física (EF), enquanto disciplina, não pode ficar desfasada de todo o processo. No entanto, esta pode constituir-se como um alicerce à construção de uma escola inclusiva, ou como um entrave no processo. Aparentemente a EF poderia ser um veículo facilitador para a inclusão, devido à flexibilidade inerente aos conteúdos e ao facto de ser uma disciplina dinâmica (Rodrigues, 2003). Todavia, o autor salienta que existem desvantagens na disciplina que funcionam como entraves no processo da inclusão. Estas dificuldades associam-se essencialmente à falta de formação inicial dos professores nesta área específica, ao facto de existirem poucos auxílios pedagógicos nas escolas e à inerente competição que comporta a EF. Também Silva e colegas (2013) e Rybová e Kudláček (2013) concluíram nos seus estudos que os professores não adquirem os conhecimentos necessários na área da deficiência durante a sua formação inicial, não se sentindo por isso preparados para trabalhar com turmas inclusivas. Esta controvérsia gerou o ponto de partida do presente estudo, no qual queremos perceber quais as atitudes dos alunos sem condição de deficiência nas aulas de EF, relativamente aos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) incluídos nas suas turmas. Perante estes pressupostos o problema da nossa investigação centra-se na necessidade de conhecer: “quais as atitudes dos alunos sem condição de deficiência relativamente à inclusão de alunos com condição de deficiência nas aulas de EF”. De forma a dar resposta ao nosso problema traçámos como objetivo geral perceber como as variáveis idade, género e tipologia da deficiência podem influenciar ou não as atitudes dos alunos sem condição de deficiência nas aulas de EF, uma vez que estes são agentes essenciais no momento de incluir ou excluir o aluno com NEE (Block & Obrusnikova, 2007), face aos colegas com NEE.

Em termos sumários, o estado da arte revela algumas indicações do comportamento das variáveis referidas anteriormente. Neste caso, observa-se que as raparigas são mais suscetíveis ao processo de inclusão do que os rapazes (Tripp, Frech, & Sherril, 1995, citados por Panagiotou et al., 2008). Relativamente ao tipo de deficiência, os alunos revelam aceitar melhor alunos com deficiências físicas e sensoriais do que alunos com perturbações intelectuais (Farrell, 2008). Quanto às idades, existem ainda algumas limitações investigativas para efetuarmos a comparação. Este estudo torna-se também particularmente importante devido à escassez de investigação realizada neste âmbito

específico (Qi & Ha, 2012). Para além deste aspeto, os autores referidos revelam pistas metodológicas no sentido de colmatar as insuficiências existentes no atual panorama científico.

Metodologia

Amostra

A amostra do estudo foi constituída por 37 alunos com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, cuja idade média dos sujeitos é de 12,86 anos com um desvio-padrão de 0,082199, pertencentes a três turmas. Cada turma possuía integrado um aluno com NEE, apresentando este uma tipologia de deficiência diferente de turma para turma (motora, auditiva e intelectual). O estudo decorreu num Agrupamento de Escolas do distrito de Castelo Branco. Os 37 alunos pertencem a um universo de 72, o que perfaz uma percentagem de alunos inquiridos de 51,19%. Ainda de salientar o facto de a amostra relativamente ao género ser formada por 16 jovens do género feminino e 21 do género masculino.

Instrumento de recolha de dados

O instrumento utilizado para a recolha dos dados constou de um inquérito por questionário para medir as atitudes dos alunos sem condição de deficiência. A construção do questionário obedeceu a entrevistas prévias e respetiva análise do conteúdo, aplicação do pré-questionário, bem como as sugestões efetuadas no decorrer deste processo e a validação por especialista na área.

O questionário ficou organizado em cinco blocos compostos por um total de 26 afirmações. Os blocos são os seguintes: 1 – “Atitude face às aulas de EF”; 2 – “Valorização da participação do aluno com condição de deficiência nas aulas de EF”; 3 – “Envolvimento do aluno com condição de deficiência nas aulas de EF”; 4 – “Envolvimento dos colegas com o aluno com condição de deficiência nas aulas de EF”; 5 – “Envolvimento do professor com o aluno com deficiência nas aulas de EF”. A escala utilizada para medir as atitudes foi uma escala de Likert onde o valor 1 significa “discordo totalmente” (valor mais baixo) e o valor 5 “concordo totalmente” (valor mais elevado). Os valores 2, 3 e 4 significam “concordo pouco”, “concordo” e “concordo muito”, respetivamente. Assim, e como forma de interpretarmos e concluirmos os resultados, dicotomizamos a escala onde consideramos:

- Valores < 2,5: negativo;
- Valores > ou = 2,5: positivo.

Tratamentos dos dados

Os dados foram tratados de forma descritiva e com utilização de técnicas estatísticas. Para a variável género utilizou-se o teste t de Student para amostras independentes, enquanto para as variáveis idade (cujas categorias foram 12, 13 e 14 anos) e tipologia da deficiência foi usada a ANOVA. Para estes testes, o nível de significância considerado foi de 0,05.

Para a Escala de Likert fomos ver a distribuição de frequências em cada item, determinámos a média e o desvio-padrão e como forma de interpretarmos e concluirmos os resultados, dicotomizamos a escala onde consideramos como atitudes negativas valores médios inferiores a 2,5 e atitudes positivas valores médios iguais ou superiores a 2,5.

Resultados e Discussão

Quanto à **variável género**, as raparigas apresentam em termos globais atitudes mais positivas que os rapazes. Não se verifica esta tendência em todos os blocos, dado que no bloco 1 – “Atitude face às aulas de EF” todos os inquiridos apresentaram atitudes positivas independentemente do género. Em todos os outros blocos as raparigas apresentam sempre atitudes mais positivas que os rapazes. Apesar de os blocos 2 – “Valorização da participação do aluno com condição de deficiência nas aulas de EF”, 3 – “Envolvimento do aluno com condição de deficiência nas aulas de EF”, 4 – “Envolvimento dos colegas com o aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” e 5 – “Envolvimento do professor com o aluno com deficiência nas aulas de EF” apresentarem atitudes mais negativas que positivas, em todos eles as raparigas demonstram sempre atitudes mais positivas que os rapazes.

Resultados semelhantes foram encontrados nos estudos de Tripp, Frech e Sherril (1995, citado por Panagiotou et al., 2008) e Slininger e colegas (2000), em que as raparigas são mais recetivas à inclusão de alunos com NEE do que os rapazes, o que consequentemente leva a atitudes mais positivas.

Relativamente à **variável tipologia da deficiência**, o grupo que revela atitudes mais positivas é o grupo com um aluno com deficiência auditiva incluído, seguido do grupo com um aluno com deficiência motora e, por último, o grupo com um aluno com deficiência intelectual.

No bloco 1 – “Atitude face às aulas de EF” não existem discrepâncias entre os resultados, uma vez que todos os inquiridos demonstram na sua totalidade atitudes positivas perante todos os grupos analisados. Também aqui os blocos 2 – “Valorização da participação do aluno com deficiência nas aulas de EF”, 3 – “Envolvimento dos alunos com deficiência nas aulas de EF” e 4 – “Envolvimento dos colegas com o aluno com condição de deficiência

nas aulas de EF”, o grupo da deficiência auditiva apresenta em todos eles atitudes mais positivas em comparação com os grupos da deficiência motora e intelectual. No campo das atitudes negativas, a deficiência intelectual apresenta o maior número de respostas comparativamente ao grupo da deficiência motora exceto no bloco 2 – “Valorização da participação do aluno com deficiência nas aulas de EF”. De salientar que, nos dois últimos blocos, as atitudes em termos globais são de carácter mais negativo que positivo.

É interessante verificar que no último bloco, 5 – “Envolvimento do professor com o aluno com deficiência nas aulas de EF”, as deficiências intelectual e motora apresentam atitudes claramente mais positivas e, conseqüentemente, menos atitudes negativas que o grupo da deficiência auditiva.

O estudo de Farrell (2008) encontra-se em sintonia com os resultados por nós obtidos. Nesta perspectiva, o autor refere que os alunos sem condição de deficiência demonstram maior capacidade de incluir alunos com deficiências físicas ou sensoriais do que alunos com problemas comportamentais. Nesta linha de pensamento, La Master, Gall, Kinchin e Siedentop (1998) enfatizam, ainda, o facto de os alunos sem condição de deficiência aceitarem e apoiarem os alunos com deficiência que se esforçam para serem aceites, mas não toleram aqueles que não se esforçam.

No ponto que corresponde à **variável idade**, não encontramos investigações relevantes para confrontar os resultados com a nossa investigação. Block (1995) alerta para a necessidade de mais investigações com amostras de maiores dimensões e estudos mais diversos. Assim, sugere que se realizem estudos que avaliem o contributo do género, idade e contacto com os colegas com condição de deficiência para se perceber a influência das atitudes face à inclusão nas aulas de EF.

Conclusão

Neste estudo pretendemos verificar como o género, a idade e a tipologia da deficiência influenciam a atitude dos alunos sem condição de deficiência relativamente à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de EF e como estas se relacionam com os blocos definidos.

Relativamente à **variável género** podemos concluir que quanto ao bloco 1 – “Atitude face às aulas de EF” os rapazes apresentam uma atitude mais positiva que as raparigas, uma vez que existem diferenças estatisticamente significativas.

Nos blocos 2 – “Valorização da participação do aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” e 4 – “Envolvimento dos colegas com o aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” as raparigas apresentam atitudes mais positivas que os rapazes, dado que se verificam diferenças estatisticamente significativas.

No 3 – “Envolvimento do aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” e 5 – “Envolvimento do professor com o aluno com deficiência nas aulas de EF” não podemos concluir que um género tenha uma atitude mais positiva que o outro, dado que não existem diferenças estatisticamente significativas.

Quanto à **variável idade**, concluímos que nos blocos 1 – “Atitude face às aulas de EF”, 2 – “Valorização da participação do aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” e 4 – “Envolvimento dos colegas com o aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” não existem diferenças estatisticamente significativas, pelo que a idade parece não influenciar as atitudes.

No 3 – “Envolvimento do aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” os alunos de 13 anos têm uma atitude mais positiva e no 5 – “Envolvimento do professor com o aluno com deficiência nas aulas de EF” os alunos de 14 têm uma atitude mais positiva, visto que existem diferenças estatisticamente significativas.

Quanto à **tipologia da deficiência** e relativamente ao bloco 1 – “Atitude face às aulas de EF”, 2 – “Valorização da participação do aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” e 4 – “Envolvimento dos colegas com o aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” não podemos concluir que exista um determinado tipo de deficiência que apresente uma atitude mais positiva que outro, dado que não existem diferenças estatisticamente significativas.

No 3 – “Envolvimento do aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” conclui-se que os alunos com deficiência auditiva colhem atitudes mais positivas que os alunos com deficiência motora e intelectual, e no 5 – “Envolvimento do professor com o aluno com deficiência nas aulas de EF” são os alunos com deficiência intelectual que recebem atitudes mais positivas, pois existem diferenças estatisticamente significativas.

De salientar que esperávamos que a discrepância entre as deficiências intelectual e motora fosse mais acentuada, uma vez que Farrell (2008) afirma que os alunos sem condição de deficiência demonstram maior apetência por incluir alunos com deficiências físicas ou sensoriais do que alunos com problemas comportamentais.

Referências

- Block, E. (1995). Development and Validation of the Children's Attitudes Toward Integrated Physical Education – Revised (CAIPE-R) Inventory. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 12, 60-77.
- Block, M. E., & Obrusnikova, I. (2007). Inclusion in Physical Education: A Review of the Literature from 1995-2005. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 24, 103-124.
- Farrell, M. (2008). *Deficiências sensoriais e incapacidades físicas: guia do professor*. Porto Alegre: Artmed.
- La Master, K., Kinchin, G., & Siedentop, D. (1998). Inclusion Practices of Effective Elementary Specialists. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 15, 64-81.

- Panagiotou, A., Evaggelinou, C., Doukeridou, A., Mouratidou, K., & Koidou, E. (2008). Attitudes of 5th and 6th grade Greek students toward the inclusion of children with disabilities in Physical Education classes after a Paralympic Education Program. *European Journal of Adapted Physical Activity*, 1(2), 31-43.
- Qi, J., & Ha, S. (2012). Inclusion in physical education: A review of literature. *International Journal of Disability, Development and Education*, 59(3), 257-281.
- Rodrigues, D. (2003). Educação inclusiva – as boas e as más notícias. In D. Rodrigues (Org.), *Perspectivas sobre a Inclusão: Da Educação à Sociedade* (pp. 89-101). Porto: Porto Editora.
- Rybová, L., & Kudláček, M. (2013). The State of Inclusion of Students with Physical Disabilities in General Physical Education in Prague and Central Bohemian Region. *European Journal of Adapted Physical Activity*, 6(1), 57-61.
- Silva, K. R., Pereira, R. S., & Silva, F. R. (2013). O Professor de Educação Física e os Alunos com Deficiência: Considerações sobre a Formação e Prática Pedagógica. *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 12(2), 121-130.
- Slininger, D., Sherrill, C., & Jankowski, C. (2000). Children's Attitudes toward Peers with Severe Disabilities: Revisiting Contact Theory. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 17, 176-196.

Resumo

Este artigo apresenta um estudo de caso sobre a percepção de 115 crianças de 5^o e 6^o anos de idade em relação à inclusão de crianças com deficiência física em aulas de Educação Física. O estudo foi realizado em uma escola pública de uma cidade do interior de São Paulo, utilizando o método de observação participante. Os dados foram coletados durante 10 aulas de Educação Física, sendo que 10 alunos com deficiência física foram observados em suas aulas e 105 alunos sem deficiência física foram observados em suas aulas. Os resultados indicam que as crianças com deficiência física são percebidas como diferentes e que há uma tendência de isolamento por parte das crianças sem deficiência física. O estudo também aponta para a necessidade de ações pedagógicas que promovam a inclusão e a interação entre as crianças com e sem deficiência física.

Abstract

In this paper, we present a case study research about children's perceptions of ability and disability in a primary city school using SOCRS methodology. By using this method children have their own insight, interactions and reactions in the physical environment using a child-friendly semi-structured research instrument. Results show that the children in school by age, behave "normal" looking but words like "be independent" in class evaluations. 10 middle-girl children were marked with a maximum number of play (7) and 105 boys (10) alternatives. 10 alternatives were equalized within a 2 km horizontal range, the child reveals autonomy and active travel modes to meet (2) as when play and social interactions occur they is spontaneous in the real and stability. Except in the future context, all places but one are played, conclusion of deficit physical activity points to be relevant for the adaptation of multidimensional alternatives. Key-words: primary SOCRS children methodology multidimensional alternatives, urban school.